



exposição de valdir sarubi medeiros

CIDADE UNIVERSITÁRIA – BLOCO DE TECNOLOGIA – 78.000 – CUIABÁ – MATO GROSSO

VALDIR SARUBI – CURRÍCULO

Natural do Estado do Pará.

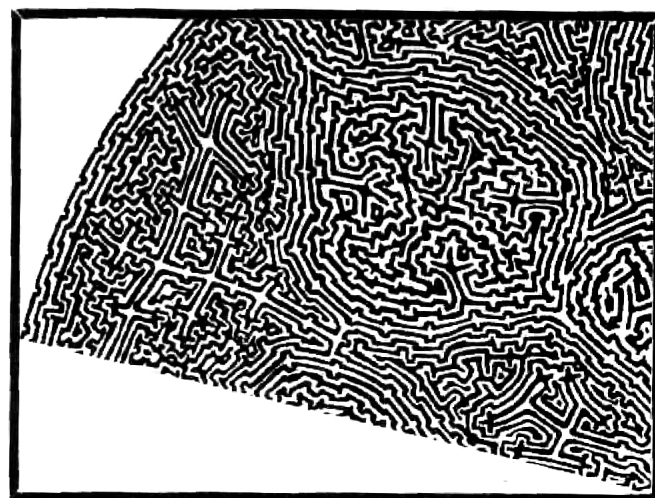
Antes de se dedicar às Artes Plásticas, fez Teatro, Cenografia, escreveu e dirigiu televisão, trabalhou em publicidade (setor de criação) e estudou arquitetura, onde se encaminhou para as Artes Plásticas. Isso em 1969. Desde então, tem participado ativamente do movimento artístico brasileiro.

EXPOSIÇÕES:

- 1970 – Exposição de Artes, patrocinada pelo Banco Lar Brasileiro quando de sua instalação em Belém do Pará.
- Salão de Artes Plásticas do Governo do Estado do Pará – Belém do Pará.
 - III exposição Nacional de Arte (Colóquio dos Museus de Arte do Brasil) – Curitiba – Paraná.
 - Concurso de cartazes para divulgação da exposição de Arte Sacra de 1970 – Belém do Pará.
 - Salão Jovens Artistas do Pará – Belém do Pará.
 - Pré Bienal de São Paulo – São Paulo.
- 1971 – I Bienal de Artes Plásticas de Santos – São Paulo.
- 7º Salão de Arte Contemporânea de Campinas.
 - XI Bienal Internacional de São Paulo.
 - III Salão Paulista de Arte Contemporânea – São Paulo.
- 1972 – Bienal Nacional – sala especial – São Paulo.
- 4º Salão Nacional de Arte – Belo Horizonte – MG.
 - 8º Salão de Arte Contemporânea de Campinas – São Paulo.
 - XXI Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro – GB.
 - IV Salão Paulista de Arte Contemporânea – SP.
- 1973 – Exposição “Experiência de 4 Jovens Artistas” Galeria Eucatexpo – São Paulo.
- III Salão de Artes Visuais – Porto Alegre – RS.
 - XII Bienal Internacional de São Paulo.
 - Exposição “Imagem do Brasil”, organizada pelo Museu de Arte de São Paulo Expo 73 – Bruxelas.
 - Individual – Galeria Guimar – São Paulo.
 - Coletiva “Artistas Brasileiros” – Galeria Eucatexpo – Curitiba – Paraná.
- 1974 – Individual – Galeria Angelus – Belém do Pará.

PREMIAÇÕES:

- 1970 – Menção Honrosa – Na exposição do Banco Lar Brasileiro quando de sua instalação em Belém do Pará.
- 1º lugar – Prêmio governador do Estado do Pará – salão de Artes Plásticas do Governo do Estado do Pará.
 - 1º lugar – Concurso de cartazes para divulgação da exposição de Arte Sacra – Belém.
- Selecionado entre os 25 artistas brasileiros para comporem a sala do Brasil na XI Bienal Internacional – Pré Bienal/70.*
- 1971 – Prêmio “Referência especial do Juri” III Salão Paulista de Arte Contemporânea.
- 1972 – Prêmio “Brasil, Plástica” como um dos cinco artistas mais representativos da Bienal Nacional – São Paulo.
- Prêmio aquisição da pinacoteca do Estado, Bienal Nacional São Paulo.



Para cumprir o previsto no PLANO DIRETOR/74, expondo 2 artistas de renome nacional (não nascidos em MT), o Museu de Arte e de Cultura Popular escolheu Valdir Sarubi como um deles, por seu trabalho perfeitamente entrosado com nossos objetivos didáticos.

O próprio artista apresenta sua obra, com palavras que este Museu endossa fazendo votos de que semelhante processo criativo possa acontecer no panorama das artes matogrossenses. O Museu de Arte e Cultura Popular já iniciou o estudo e a divulgação do temário de caráter popular em nossa região, concorrendo para que tal processo possa viabilizar-se.

Humberto Espíndola, Diretor.

O meu plano de trabalho parte de duas pesquisas que estou desenvolvendo desde 1970, aproveitando temas populares de minha terra no campo das Artes Plásticas:

I – ARTE AMBIENTAL E DE PARTICIPAÇÃO

Creio que numa terra subdesenvolvida como a minha, é muito válida a utilização de elementos nativos para a criação de uma arte de vanguarda. Embora os meios de comunicação tragam com uma rapidez considerável a todas as cidades as tendências mais modernas da arte, não se pode negar que os condicionamentos regionais influem de maneira irrefutável e inegável o artista que se propõe fazer uma arte atual séria.

Sou um homem que nasceu no interior do Estado do Pará, em plena selva amazônica, e dentro de mim existe muito do que vi na minha infância e do que vivi naquela época e naquele lugar.

O artista é um cronista do seu tempo e do seu lugar e para isso ele se vale de todos os elementos que estão à sua disposição.

Assim é que tenho feito minha arte, partindo do aproveitamento de temas populares, sem cair apenas no folclore, é claro.

O modelo estrangeiro não me interessa, embora eu não negue a necessidade de um sentido atual e universal para as coisas que faço partindo de toda uma tradição de meu povo. Estes motivos são depurados por uma disciplina pessoal e recondicionados pela experiência artística da atualidade.

Xumucuís é o tratamento atual de um tema popular. O tema é um brinquedo caboclo, muito comum nas cidades do interior do Pará.

No interior do Estado do Pará é muito comum os caboclos que não têm dinheiro para comprar brinquedos para os filhos. Eles mesmos os fazem. O tema de Xumucuís, como disse, tem origem num brinquedo caboclo paraense.

O nome XUMUCUÍS é um termo indígena que significa “rio de águas borbulhantes”, advindo daí a relação do barulho de água emitido pelas caixas e o nome de um igarapé lindo que existe no interior do Pará. A substantivação foi fácil, principalmente, levando-se em consideração que o som ouvido é quase onomatopáico.

Trata-se de caixas levíssimas de tamanhos variados, recobertas com franjas de papel de seda (elemento muito usado nas manifestações populares) que permitem, quando expostas, a participação quase total do público.

Ao serem manipuladas elas emitem um som muito lírico de água escorrendo, espumar de cachoeira, chuva caindo, corredeiras, ondas do mar e todo barulho de água que uma imaginação fértil poderá perceber. Para ouvir o som a pessoa é levada imediatamente a aproximar a caixa do ouvido e o contacto com o franjado de papel de seda com a pele é muito agradável. Acho muito importante dentro da arte atual a participação do público com a obra de arte. Em xumucuís a participação é quase total, através da visão, audição e tato.

A partir dessas caixas sonoras quero desenvolver todo um trabalho de aproveitamento de materiais e diferenciação de sons.

As caixas são construídas do caule de uma palmeira chamada buriti, muito comum no norte do Brasil que, além de elemento acústico é também isolante térmico.

Dentro da caixa há todo um emaranhado de grades e crivos, feitos com talas de casca de buriti, formando labirintos e corredores. Dentro dessas caixas eu coloco sementes naturais de árvores da Amazônia, de diversas qualidades, tamanhos, texturas e pesos diferentes. Quando essas sementes escorrem através dos engradados do labirinto, ajudados pela acústica do buriti, ouve-se os sons de que falei acima. Sei que a diferenciação dos sons depende muito das formas dos labirintos e dos engradados, assim como as formas das caixas que contém esses elementos. Com essa pesquisa pretendo chegar a novos resultados. Ela é sem dúvida a proposta mais importante do meu plano de trabalho para o próximo ano.

II – DESENHO

Recriação do estilo ornamental linear da cerâmica marajoara. Exercícios gráficos que fundem em matrizes simples, bipartidas e tripartidas duas espécies de geometrismo: o severo e escoreito, de procedência concretista, que opera com formas geométricas puras, e o labirinto filigranado que retoma o sentido da arte primitiva do neolítico, ao utilizar a reprodução e variação dos mesmos modelos ornamentais como meio de dominar o espaço pelo seu completo preenchimento. Dá-se nesses exercícios da harmonização plástica o correlacionamento rítmico, em compasso de atividade lúdica, entre fundo e figura, segundo a alternância da cor e da linha. A princípio, rígido e simétrico, no momento tende a maior leveza, movimento e assimetria e eu o estou usando como elemento de fundo para composições com formas brancas que aparecem estar soltas sobre o desenho.

Quanto a este desenho, tenho três planos de desenvolvimento:

1 – GRAVURA, A PARTIR DO ESTILO QUE O CARACTERIZA.

2 – USO DA FOTOGRAFIA COMO RECURSO PARA DESINTEGRÁ-LO.

3 – LANÇAMENTO DO DESENHO NO ESPAÇO.

1. O estilo do meu desenho clama por gravuras. Este ano fiz uma experiência com serigrafia e acho que os resultados foram excelentes. Pretendo no próximo ano continuar a experiência, inclusive com outras técnicas.

2. Olhando atentamente para ele percebe-se que dentro do seu macrocosmo visto como um todo, o espectador precisa descobrir os inúmeros microcosmos que estão inseridos nos detalhes. Dentro desses labirintos de pequenas fitas que se mexem, se encurvam e se desdobram, há caminhos que espectadores desavisados podem não se aperceber. O uso da fotografia é justamente para ajudar essa descoberta. Ela sugere através da ampliação dos detalhes; ela convida — através de reduções; ela afirma e reafirma através de reprodução em série do mesmo desenho. Eu não quero apenas expor o meu desenho como um elemento único, numa parede nua. Quero — sim — que o espectador ao olhá-lo, participe ativamente de toda a estrutura — que não é apenas uma forma colorida para ser vista de relance. Desejo que o espectador sinta minha obra, fazendo o possível para entrar dentro dela e descobrir, na forma geométrica simples, um maravilhoso caminho de imagens que parecem ser repetidas, mas que, no entanto, se renovam em cada repetição, que mudam de forma a cada ângulo de que é olhado, que se reforma e se reformula em cada ampliação ou redução do mesmo. No fim o espectador pode ter certeza que percorreu o mesmo caminho que o do artista no momento da criação da sua obra.

3. O meu desenho é dinâmico e eu sinto necessidade de mostrar isso. Não vejo na minha obra formas estáticas penduradas, mas sim, formas dinâmicas que tentam continuamente sair do papel. O recurso da fotografia vai dar, em princípio, condições para que o espectador penetre no desenho e se movimente dentro dele, ao percorrer os caminhos no emaranhado das fitas. O próprio desenho já tem características lúdicas. A fotografia ampliada, reduzida, repetida vai reafirmar isso. Partindo das ampliações dos desenhos, quero fazer com que — eles saiam para fora do limite do papel, através de fitas de seda que escorrerão para o chão, das próprias cores do desenho. Fiz uma experiência e o resultado foi belíssimo. O desenho como que se desintegra. As curvas se encaminham para as linhas retas das fitas que vão fluindo para o chão como rios multi coloridos.

Waldir Sarubi de Medeiros